

## O REALISMO NA CONSTITUIÇÃO DAS PERSONAGENS EMMA E LUÍSA: UM ESTUDO COMPARATIVO

Lueny Amanda Oliveira França (UFPA)

### Resumo

Watt (1990) esclarece que o gênero romance busca retratar todo o tipo de experiência humana e não só as que prestam a alguma perspectiva literária. O gênero romance é um condutor literário coerente de uma cultura, que a partir do século XVIII, conferiu valor grandioso à originalidade. Watt pontua a evidente semelhança entre o gênero romance e o estilo literário realista francês, conjunto de técnicas narrativas que se encontram tão frequentemente no gênero romance e raramente em outros gêneros literários. Isso ocorreu porque este gênero proporcionou aos romancistas a possibilidade de demonstrar as mazelas da burguesia provinciana no século XIX. Nesse sentido, a presente pesquisa surge do interesse em comparar a semelhança entre as personagens Emma Bovary e Luíza dos romances *Madame Bovary* e *O primo Basílio*. Embora Flaubert tenha declarado detestar o Realismo, sua obra é considerada o marco inicial desse movimento. Adultério feminino e crítica à sociedade burguesa eram temas que fugiam ao estilo literário romântico. Coube a Flaubert introduzir o novo e quebrar valores estabelecidos. Conforme Leite (2004), Flaubert conduz com maestria a narrativa objetiva, aparentemente contada por si própria. O autor instaura, em suma, uma nova forma de narrar, utilizando-se de um narrador onisciente neutro, bem como da onisciência múltipla e seletiva, recursos que permitem que o narrador demonstre o ponto de vista das personagens. Flaubert é considerado uma espécie de criador do discurso indireto livre, pois aprimorou esse método narrativo, influenciando vários romancistas a sua frente, dentre eles, Eça de Queirós, considerado pai do Realismo em Portugal. Interessamos analisar de que maneira as personagens se assemelham, do ponto de vista ideológico, e como esses valores influenciam suas atitudes dentro da narrativa, demonstrando assim os principais aspectos do Realismo presentes nas duas obras em foco.

**Palavras-chave:** Romance; Realismo; Personagens femininas.

## Fundamentação Teórica

De acordo com Watt (1990), o gênero romance surge da necessidade do homem moderno possuir uma forma literária capaz de retratar a individualidade do ser humano. Uma das características que diferencia o romance dos outros gêneros literários é o seu “realismo formal”. Esse realismo não diz respeito ao movimento estético realista, mas sim à maneira realista de tentar representar a vida como ela é. Este gênero se consagra ao final do século XVIII, influenciado por filosofias inovadoras de Descartes e Locke. Neste momento, o público leitor passava por uma série de mudanças: o capitalismo, a ascensão da classe média e a perda do caráter religioso da sociedade. Segundo Watt, o romance primeiramente despertou o interesse das damas da elite inglesa.

O autor explica que o gênero romance quebra a tradição literária anterior em utilizar histórias atemporais para refletir morais antes inalteráveis. Este gênero se diferencia das narrativas anteriores, pois usa experiências passadas como a razão da ação presente. É uma relação causal que acontece através do tempo, substitui as narrativas anteriores que costumavam usar disfarces e coincidências.

Dessa forma, as epopeias narravam histórias de homens com virtudes coletivas, e com problemas universais. Uma das características dessas narrativas era a sua perfeição estética no que se refere à escrita. Já o romance trata de indivíduos com conflitos próprios. O fundamental do gênero romance é mostrar a experiência humana, a particularização dos indivíduos. Ao contrário das epopeias que eram universais, os romances são individuais, procuram mostrar a verdade de cada um. Os outros gêneros eram de certa forma histórias semelhantes (re) contadas várias vezes. No entanto este gênero em seu surgimento prezava pela originalidade dos enredos. Assim, ao contrário da poesia, das epopeias e das tragédias, alguns romances são, de certa forma, pobres em sua linguagem, todavia é esse o custo pago por seu realismo.

Ainda de acordo com Watt (1990), o termo “realismo formal” perde parte de sua utilidade nos controversos temas “vulgares” e “tendências imorais” de Gustave Flaubert e com os demais escritores do movimento realista francês. Por conseguinte, este termo passa a ser utilizado como antônimo de “idealismo”. Dessa maneira, perdurou por uma parte dos estudos críticos e históricos do romance. Este gênero geralmente é associado à estética do realismo, pois esta forma literária reflete plenamente essa reorientação individualista e inovadora. Assim, explica Watt, em *A ascensão do romance*:

Evidentemente tal posição se assemelha muito à dos realistas franceses, os quais diziam que, se seus romances tendiam a diferenciar-se dos quadros lisonjeiros da humanidade mostrados por muitos códigos éticos, sociais e literários estabelecidos, era apenas porque constituíam o produto de uma análise da vida mais desapaixonada e científica do que se tentara antes. Não há evidências de que esse ideal de objetividade científica seja desejável e com certeza não se pode concretizá-lo: no entanto é muito significativo que, no primeiro esforço sistemático para definir os objetivos e métodos desse novo gênero, os realistas franceses tivessem atentado para uma questão que o romance coloca de modo mais agudo que qualquer outra forma literária – o problema da correspondência entre obra e a realidade que ela imita.

(1990, p.13)

Assim, o realismo francês encontrou no gênero romance um conjunto de técnicas narrativas que se encontram tão frequentemente na estética realista e raramente em outros gêneros literários. Dessa forma, por meio do gênero romance os romancistas narravam acontecimentos da vida de indivíduos, tais como: suas angústias, defeitos, virtudes e conflitos para consigo e com o outro, no que refere às personagens.

Trata-se de uma ruptura estética em que o narrador apresenta conflitos familiares em que há uma personagem disposta a corromper os valores da família tradicional. Ao contrário do movimento realista, as outras correntes estéticas apresentavam conflitos insignificantes em relação ao que a sociedade estava vivenciando naquele momento histórico, pois a família seria um tabu para análise, não podendo ser contrariada, porquanto insistiam em respeitar os modos com que os conflitos deveriam ser solucionados conforme os interesses da sociedade da época.

Dessa maneira, o Realismo busca colocar em evidência as mazelas do século XIX e questionar os valores da sociedade provinciana. Um dos aspectos mais importantes da estética realista é o narrador inovador. Segundo Leite (2004), Gustave Flaubert é o escritor que modifica a forma de narrar no século XIX, ao publicar a obra *Madame Bovary*, sendo considerado o pai do movimento realista. Isso se deve à introdução de um narrador onisciente neutro, utilização do monólogo interior, onisciência seletiva e múltipla, bem como a introdução do discurso indireto nas narrativas.

Um escritor que costuma ser apontado como exemplo de mestria na composição da "narrativa objetiva", ou da história que parece contar-se a si própria, é Flaubert. Isso faz com que alguns o utilizem também para ilustrar a categoria do "narrador onisciente", especialmente no seu livro mais famoso: *Madame Bovary*.

Na verdade, a impressão de objetividade e de neutralidade no livro de Flaubert não vem só do uso do NARRADOR ONISCIENTE NEUTRO, mas da sua alternância com outras categorias de que trataremos mais para a frente: a ONISCIÊNCIA SELETIVA e a ONISCIÊNCIA MÚLTIPLA. Flaubert é, realmente, uma espécie de criador do estilo INDIRETO LIVRE, porque aperfeiçoou extraordinariamente esse recurso narrativo que é típico dessas outras categorias e não do ONISCIENTE NEUTRO. (LEITE, 2004, p. 35-36)

Conforme Charles Baudelaire (2011), após o desaparecimento de Balzac, a curiosidade em torno do romance acalmou-se. Alguns autores tentaram, sem sucesso, ascender esta forma literária, bem como, Sr. d'Aureville, Sr. Custine, Champflery, Charles Barbara e Paul Féval. Para ele, se tratavam de narrativas fracas, com falta de destreza e pouca riqueza narrativa. Este poeta considera Flaubert um autor que se destacou com sua primeira publicação, inovando e produzindo o que muitos escritores

tentaram fazer durante toda a vida: cativar o público. Isto se deve ao esgotamento da sociedade francesa que só se chocava com acontecimentos fictícios e amava apenas a posse.

Assim, surge a estratégia de tratar de temas banais já que optar por um assunto grandioso é uma impertinência para o leitor do século XIX. Notemos o que comenta, Baudelaire (2011, p. 12):

Qual é o elemento mais usado, mais prostituído, o realejo mais cansativo? O adultério. Não preciso, disse o poeta para si mesmo, que minha *heroína* seja uma heroína. Contanto que ela seja suficientemente bonita, que ela tenha nervos, ambição, uma aspiração irrefreável por um mundo superior, ela será interessante. A prova de força, aliás, será mais nobre, e nossa pecadora terá ao menos esse mérito-comparativamente muito raro- de se distinguir das fastuosas faladeiras da época que nos precedeu.

Era necessário, então, o não comprometimento com as palavras, abordar sobre paixões e aventuras aonde o comum das pessoas põe seu calor, o narrador deveria ser objetivo e impessoal. Segundo Leite (apud Lubbock (2004), Gustave Flaubert introduz nas narrativas modernas a habilidade de alternar cenas em que tudo é visto do ponto de vista do narrador onisciente, bem como, cenas em que tudo é visto sob a perspectiva de Emma ou de Charles. Assim, é identificada a famosa impessoalidade de Flaubert, autor implícito, revelando que a sua concepção mostra-se, indiretamente, disfarçada, mas aparece, porquanto a visão de Emma, de Charles ou das demais personagens não seria satisfatória para demonstrar aquilo que, se para elas é escuro, confuso ou despercebido, para o autor é precisamente o que importa mostrar. Flaubert necessita intervir nesses momentos da narrativa onisciente em que predomina o estilo indireto, pois este autor tem a intenção de ironizar e desvendar a pobreza e o grotesco daquela burguesia provinciana. Vejamos o que nos diz Baudelaire (2011, p.16) acerca deste assunto:

Em suma, esta mulher é realmente grande, ela é sobretudo digna de se lamentar, e apesar da dureza sistemática do autor, que fez todos os esforços para estar ausente de sua obra e para representar a função de manipulador de marionetes, todas as mulheres *intelectuais* lhe serão reconhecidas por ele ter elevado a fêmea a uma tão alta potência, tão longe do animal puro e tão perto do homem ideal, e por tê-la feito participar desse duplo caráter de cálculo e de sonho que constitui o ser perfeito.

Não sabemos se a personagem Emma, criada por Flaubert, que traiu o marido e traía o seu dever tradicional de esposa e mãe, foi a traidora ou traída, pois o que ela tanto almeja, a sociedade ao seu redor jamais poderá conceder, mas ela é maior, mais livre que sua condição, e paga um preço elevado por isso. Emma Boravy acreditava demais nos romances românticos que lia e decidiu que sua realidade deveria ser tal qual a dos livros. A personagem se deixa levar por imaginações de um mundo utópico construído através de suas leituras incansáveis no convento e se entrega extraordinariamente, de uma maneira plenamente masculina, a homens que não se igualam a ela. Baudelaire afirma que a personagem se entregava a esses homens da

mesma forma que poetas se entregavam a megeras. Vejamos o que Baudelaire menciona sobre o aspecto masculino de Emma Bovary:

Só resta ao autor, para terminar a prova de força por completo, despojar-se (tanto quanto possível) de seu sexo e de se fazer mulher. Disso resultou uma maravilha; é que apesar de todo seu zelo de ator, ele não pôde deixar de infundir seu sangue viril nas veias da sua criatura, e Sr.<sup>a</sup> Bovary, para o que há nela de mais enérgico e mais ambicioso, e também de mais sonhador, a Sr.<sup>a</sup> Bovary permaneceu um homem. Como a Palas armada, saída do cérebro de Zeus, esse andrógino bizarro manteve todas as seduções de uma alma viril em um encantador corpo feminino. (2011, p.13)

Podemos perceber que a obra de Gustave Flaubert é extremamente rica, por isso contribuiu muito para a literatura moderna. Um dos grandes escritores da literatura mundial influenciado por Flaubert, seguindo a estética realista, foi Eça Queirós, considerado um dos maiores prosadores em língua portuguesa. Segundo Massaud Moisés (1975) Queirós funciona como um divisor de águas linguístico entre a tradição e a modernidade. Cultivou o romance, o conto, o jornalismo, a literatura de viagens e a hagiografia. Interessa para nós o estudo de uma de suas principais obras: *O Primo Basílio* publicado em 28 de fevereiro de 1878. Nesta obra o narrador adentra o lar burguês aparentemente sólido e feliz, e se depara com a existência de igual devassidão moral e física. Luísa, uma jovem imaginativa e fútil, revela-se fraca com a partida do marido, Jorge, que viaja para o Alentejo, e a chegada do atraente primo Basílio.

A fim de ilustrar suas observações, Eça critica acerbamente o Romantismo e defende o Realismo, como a corrente estética que realiza o exato consórcio entre a obra de arte e o meio social. Courbet, na pintura, Flaubert, na ficção, servem-lhe de exemplo. (MOISÉS, 1975, p.197)

Conforme Antônio Cândido (2011) da leitura de um romance fica a marca de uma série de fatos, constituídos em um enredo, e de personagens que vivenciam estes acontecimentos. É uma associação praticamente inseparável, pois quando aludimos a um enredo, pensamos comumente nas personagens que o compõe. O enredo existe por meio das personagens, sendo que o enredo e personagens estão conectados, para a finalidade do romance. Por isso acredita-se que as personagens são o que há de mais vivo nas narrativas; isso ocorre porque a leitura destas depende fundamentalmente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. A personagem é o ser mais atuante e mais comunicativo do romance, mas não é em regra o mais importante.

Para Cândido (2011) a composição da personagem depende da concepção estética e, sobretudo, do intuito do autor que cria características físicas e psicológicas para as personagens em sua obra. Assim, segundo a proposta de Foster mencionada por Cândido, Emma é uma personagem esférica, pois apresenta características complexas e muitas vezes imprevisíveis, sendo capaz de surpreender o leitor de modo convincente. A

complexidade da personagem se dá no campo psicológico, apresentado por focalizações internas (monólogo interior). Entretanto a personagem Luísa é classificada como uma personagem plana. Esse tipo de personagem não costuma mudar com as circunstâncias, por isso são facilmente lembradas pelo leitor e dificilmente o surpreendem. As personagens planas não constituem, em si, realizações tão elevadas quanto as esféricas.

A diferença na composição apontada por Cândido (2011), quanto à composição das personagens Emma e Luísa é uma das pouquíssimas diferenças no que diz respeito à constituição das personagens, porquanto para o leitor que já teve o primeiro contato com a obra *Madame Bovary* é difícil ler *O primo Basílio* e não remeter à obra de Gustave Flaubert, pois os enredos são muito semelhantes. O leitor confunde-se com o movimento literário que norteia as personagens, levando em consideração que suas atitudes são puramente românticas, o que as levam ao declínio. O motivo que nos leva a compreender que estas obras pertencem à estética realista está na nítida crítica à sociedade provinciana do século XIX. Os dois narradores evidenciam estes aspectos da narrativa realista ao questionar a moral da burguesia e seus costumes fúteis.

As duas personagens se assemelham em muitos aspectos: leituras, ideais, o sonho por uma vida luxuosa, Paris como sendo o melhor lugar para se morar e vivenciar uma aventura. Duas jovens infelizes com sua realidade pouco satisfatória em casamentos infelizes e monótonos. Emma e Luísa encontram-se acorrentadas à ilusão imagética de romances românticos e vislumbravam, a partir de suas leituras, um mundo utópico, uma das fortes críticas dos dois autores realistas. Vejamos dois trechos das duas obras no que se refere ao gosto das duas personagens à leitura e o desejo de vivenciar um romance:

Era a Dama das camélias. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os brasões do clã, mobilados com arcas góticas e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heróicas, que o vento do lago agita e faz viver; (...) Mas agora era o moderno que a cativava: Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltara-se por Mr. de Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. (QUEIRÓS, 1994, p.10)

Contava histórias, dava-lhes novidades, fazia-lhes recados na cidade e, às mais crescidas, emprestava, em segredo, alguns romances que trazia sempre nos bolsos do avental e dos quais ela mesma devorava longos capítulos nos intervalos das suas ocupações. Tratavam só de amores, de amantes, senhoras perseguidas desmaiando em pavilhões solitários, postilhões assassinados em todas as paragens para trocar de animais, cavalos abatidos em todas as páginas, florestas sombrias, perturbações do coração, juramentos, soluços, lágrimas e beijos, barquinhos ao luar, rouxinóis nos bosques, cavalheiros valentes como leões, mansos como cordeiros, mais virtuosos do que aqueles que realmente existem, sempre bem apresentáveis e chorando como urnas. Durante seis meses, quando tinha quinze anos, Emma enxovalhou as mãos na sebeta poeira dos velhos gabinetes de leitura. Com Walter Scott, mais tarde, apaixonou-se por coisas históricas, sonhou com baús, salas de guardas e menestréis. Teria preferido viver nalgum velho solar, como aquelas castelãs de longos corpetes que, sob o trifólio das ogivas, passavam os dias com o cotovelo sobre a pedra e o queixo apoiado na mão, vendo aproximar-se, do fundo do campo, um cavaleiro com uma pluma branca a galope sobre um cavalo preto. (FLAUBERT, 2000, p.39)

Conforme Massaud Moisés (1975) para dar ênfase à decadência da burguesia, os realistas agrediram uma de suas instituições mais importantes, o casamento, revelando os infortúnios da Burguesia, misérias concisas no adultério. O casamento deixa-se destruir pelo adultério precisamente porque, em ligação com o pensamento burguês, se baseia na luxúria, na comodidade material causada pelo dinheiro ou nas hipócritas normas sociais. Dessa forma, o adultério é explanado, no romance realista, como consequência de ensinamentos errôneos baseados em “virtudes” que na verdade não contribuíam para um ser moral. As personagens Emma e Luísa acreditavam vivenciar um mundo intenso e fugaz, no qual tudo seria paixão e delírio. As lembranças que vêm às mentes das personagens eram dos livros que apresentavam mulheres adúlteras, essas lembranças não as importunavam, pois acreditavam estar vivenciando uma história de amor tal qual nos livros.

Olhando, porém, para o espelho, admirou-se com o aspecto do rosto. Nunca se vira com os olhos tão grandes, tão negros nem tão profundos. Havia qualquer coisa de subtil espalhada na sua pessoa que a transfigurava. Repetia consigo mesma: "Tenho um amante! Um amante!", deleitando-se nesta ideia como se fosse a da chegada de uma nova puberdade. Ia então possuir finalmente aquelas alegrias do amor, aquela febre de felicidade de que havia já desesperado (...) Lembrou-se então das heroínas dos livros que lera, e toda aquela lírica legião de mulheres adúlteras começou a cantar-lhe na memória, com vozes de irmãs que a seduziam. Tornava-se ela mesma agora parte autêntica dessas imaginações e realizava o longo devaneio da sua juventude, enquadrando-se naquele tipo de mulher apaixonada que tanto invejara.

(FLAUBERT, 2000, p.152)

Foi-se ver ao espelho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar - seria verdade então o que dizia Leopoldina, que não havia como uma maldadezinha para fazer a gente bonita? Tinha um amante, ela! (...) Ia encontrar Basílio no Paraíso pela primeira vez. E estava muito nervosa: não dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um estremecimentozinho de prazer. - Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! (QUEIRÓS,1994, pp. 100-107) 8

Mas Emma e Luísa foram traídas por suas personalidades por seus sonhos utópicos e acabaram devendo demais por querer aparecer mais luxuosas para seus amantes ou, no caso de Luísa, por acabar devendo favores intermináveis a sua empregada Juliana que descobrira seu caso extraconjugal. Baudelaire (2011, p.14) alude a essa postura: “Gosto imoderado pela sedução, pela dominação e mesmo por todos os meios vulgares de sedução, descendo até o charlatanismo do vestuário, dos perfumes e dos unguentos - o todo se resumindo a duas palavras: dandismo, amor exclusivo pela dominação.” A o fim das duas narrativas as duas personagens morrem ao se depararem rodeadas de dívidas e com a sua moral abalada. Ambas foram vítimas do meio em que viveram. Insatisfeitas com suas realidades buscavam por felicidade e melhor qualidade de vida, arriscando-se no que tanto almejavam, mas acabaram infelizes. O mundo sonhado pelas personagens Emma e Luísa encontra-se apenas nos romances tão idealizados por elas.

## **Metodologia**

Esta pesquisa configura-se sob perspectiva teórica a partir da qual se observa como o movimento realista se apresenta nas obras aqui analisadas e a presente semelhança entre as protagonistas das duas narrativas. Desse modo, para sua realização lemos as duas obras em foco, *Madame Bovary* (1857) de Flaubert e *O Primo Basílio* de Eça de Queirós (1878). Para nos embasarmos e fazermos a análise comparativa das obras foram utilizados os livros dos seguintes teóricos: Ian Watt (*A ascensão do romance*, 1990) que nos mostra como o gênero romance surgiu; Ligia Chiappini Leite (*O foco narrativo*, 2004) faz uma excelente explicação sobre os elementos da narrativa, apresentando fortes referências à obra Gustave Flaubert; Antônio Cândido (2011), *A personagem de ficção*, no capítulo 2 desta obra intitulado *A personagem do romance* o autor nos apresenta as características das personagens romanescas e menciona suas classificações conforme Foster.

O livro *Madame Bovary* (2011) apresenta inicialmente um ensaio sensacional de um dos maiores literatos do mundo: Charles Baudelaire. Neste texto, o escritor demonstra extrema apreciação pela obra de Flaubert e faz uma breve análise da obra francesa. Utilizamos também a obra (*A literatura portuguesa*, 1975) de Massaud Moisés. Este crítico literário reúne análises acerca da produção literária portuguesa e destina um capítulo de sua obra ao movimento realista português, que teve como grande representante Eça de Queirós. À luz destes teóricos foi feito o trabalho de análise comparativa das obras que representam com bastante semelhança em seu enredo a estética realista.



## **Conclusão**

Neste trabalho objetivou-se analisar e apresentar as semelhanças entre duas personagens de diferentes romances do movimento realista, bem como mostrar como o Realismo se configura nestas obras. No primeiro momento nos preocupamos em demonstrar como o gênero romance surge e se consagra no século XVIII, tendo em vista que este gênero romance se encaixa na estética realista como nenhuma outra forma literária. Procuramos também evidenciar a grandiosidade da obra de Gustave Flaubert que influenciou e modificou toda a literatura moderna com sua inovação narrativa. “Um romance, e que romance” (2011, p.8), disse Charles Baudelaire sobre a obra do romancista francês, uma narrativa capaz de provocar raiva e amor em relação às atitudes da heroína. Um romance que faz o leitor parar de ler a história por raiva da personagem, mas não demora muito tempo para retomar a leitura e contemplar os próximos conflitos que a personagem vivenciará.

Flaubert foi julgado por afrontar os valores e costumes da burguesia provinciana “Assim, Madame Bovary – um risco, um verdadeiro risco, uma aposta, como todas as obras de arte – foi criada” (BAUDELAIRE, 2011, p.13). Flaubert influenciou muitos a sua frente, assim como a Eça de Queirós, a quem coube confrontar a sociedade lisboeta. As duas obras em foco, narradas por meio do gênero romance, representam uma das características principais deste gênero: transparecer a experiência humana, uma vez que cada indivíduo se configura de maneira diferente nas narrativas, revelando tramas, insatisfações e conflitos, ou seja, sentimentos e situações típicas do ser humano. Essas duas narrativas realistas apresentaram bem o que a estética realista pretende: desnudar a luxúria e a mediocridade que rondavam a sociedade tradicional, retratada com uma problemática frequente da burguesia, ou seja, o adultério. Sobre esta temática faço minhas as palavras de Baudelaire (2011, p.13) “Uma verdadeira obra de arte não precisa de requisitos. A lógica da obra basta para todas as postulações da moral, e é o leitor quem deve tirar as conclusões da conclusão”.

## Referências

- CÂNDIDO, Antônio. *A Personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Europa-América, 2000.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O Foco narrativo: (ou a polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 2004.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.